

Proposta de Construção do Dicionário Terminológico da Piscicultura na Amazônia

Josué Leonardo Santos de Souza **LISBOA**¹

Alcides Fernandes de **LIMA**²

¹ Doutorando em Letras/Linguística no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Pará - UFPA. Professor Militar de Língua Portuguesa e Redação do Ensino Fundamental e do Ensino Médio no Colégio Tenente Rêgo Barros - CTRB/DIRENS/FAB. Contato: josueleonardo10@hotmail.com

² Doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Ceará - UFC (2010). Professor Doutor Associado II na Universidade Federal do Pará - UFPA. Contato: alcides@ufpa.br

Resumo:

O presente trabalho consiste em um esboço de proposta de construção do dicionário terminológico da piscicultura na Amazônia. O objetivo é analisar alguns termos do campo semântico da engorda, uma das etapas de produção que tem o objetivo de estabelecer o desenvolvimento em tamanho, peso e qualidade da carne para a comercialização do pescado. O *corpus* denominado de PisciTerm é constituído de: a) entrevistas com piscicultores, técnicos, engenheiros da pesca, professores especialistas, estudantes e trabalhadores braçais do dia a dia das fazendas, laboratórios e estações de piscicultura; b) dados coletados em gêneros textuais escritos disponíveis em *PDF* na internet e no formato impresso em bibliotecas da Embrapa, UFRA e UFPA; e c) dados disponíveis em vídeos do YouTube. Têm-se, como ferramentas de auxílio, para o levantamento, a organização e a documentação dos termos, os programas computacionais WordSmith Tools (versão 5.0) e Lexique Pro (versão 3.6). A pesquisa está ancorada nos procedimentos teórico-metodológicos da Socioterminologia, estabelecidos por Gaudin (1993a, 1993b) e Faulstich (1995, 2001, 2010).

Palavras-chave:

Socioterminologia. Dicionário. Piscicultura.

Signum: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 25, n. 1, p. 109-124, abr. 2022

Recebido em: 04/03/2022

Aceito em: 23/05/2022

Proposta de Construção do Dicionário Terminológico da Piscicultura na Amazônia

Josué Leonardo Santos de Souza Lisboa; Alcides Fernandes de Lima

1. INTRODUÇÃO

Este artigo é um recorte do trabalho de doutorado, em desenvolvimento, que aborda sobre a terminologia da piscicultura, atividade de cultivo de espécies de peixe, na região amazônica. O presente trabalho tem como objetivo analisar alguns termos do campo semântico da engorda, uma das etapas piscícola que tem o objetivo analisar o desenvolvimento em tamanho, peso e qualidade da carne, para a comercialização do pescado.

O embasamento teórico segue as orientações da Socioterminologia de Gaudin (1993a e 1993b), Boulanger (1995), Faulstich (1995, 2001, 2010) e Lima (2010, 2014), dentre outros.

A área especializada da piscicultura foi subdividida em três campos semânticos, a saber: (i) reprodução induzida, (ii) engorda e (iii) comercialização, que são etapas de produção e venda dos peixes em cativeiro. Para os objetivos deste trabalho, optou-se pela etapa da engorda, por ser a mais produtiva no contexto piscícola. A elaboração desse instrumento terminográfico contou com um *corpus* constituído por entrevistas orais por meio da pesquisa de campo com 17 informantes em quatro municípios do estado do Pará, Brasil: Belém, Peixe-Boi, São Miguel do Guamá e Igarapé-Açu; pelo levantamento de textos escritos nas bibliotecas da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), da Universidade Federal do Pará (UFPA), do Centro Cultural e Turístico Tancredo Neves (Centur) e da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA); e também pelos textos escritos em formato *PDF* na internet nos *sites* da Embrapa, da Associação Brasileira de Piscicultura (Peixe BR), da Aquaculture Brasil e do Panorama da Aquicultura; e, por fim, pelas imagens e vídeos em relação ao cultivo de peixes compartilhados na plataforma YouTube.

A piscicultura é uma atividade em desenvolvimento e crescimento no mundo, no Brasil e na região amazônica. E os números demonstram a ascensão dessa atividade, pelo fato de sua importância social, econômica, ambiental e nutricional para a população. O Pará, por exemplo, é um dos principais produtores de pescado no Brasil, não só pelo fato da pesca extrativa, que é uma atividade que se sobrepõe, mas também pela crescente atividade de cultivo em cativeiro de espécies de peixe.

Por tudo isso, justifica-se essa atividade num nível de importância pela sua iminente concretização de atividade produtora de alimento. A atividade piscícola se desenvolveu quanto às tecnologias, às formas de manejo e cultivo, ao procedimento de reprodução induzida, à estruturação da etapa de engorda, e às múltiplas preocupações científicas em proteger os seres hidróbios de parasitos e doenças³, ou seja, por meio desse desenvolvimento técnico-científico foram criados, pelos profissionais, inúmeros termos e suas variantes. Assim, expressa-se a relevância de coletar, tratar, analisar, documentar e compartilhar essa terminologia da piscicultura.

2. ESTUDOS DO LÉXICO ESPECIALIZADO NO PROJETO GEOLINTERM

Na região amazônica há grupos atuantes na área da Terminologia e da Socioterminologia, um deles é o grupo Geossociolinguística e Socioterminologia (GeoLinTerm), vinculado à Faculdade de Linguagem (FALE)

³ A Síndrome de Haff, conhecida como a doença da urina preta, que é uma enfermidade que promove a destruição das fibras musculares de seres humanos, após comer peixes infectados com a toxina cianobactéria que são extraídos do rio. Em agosto de 2021, houve inúmeros casos, mas foi comprovado que nenhum peixe advindo da piscicultura foi infectado.

da Universidade Federal do Pará (UFPA), coordenado pelos professores Abdelhak Razky, Marilúcia Barros de Oliveira e Alcides Fernandes de Lima.

No Pará, os estudos sobre o léxico da língua geral e das línguas especializadas iniciaram com o Projeto ALIPA, *Atlas Geolinguístico do Pará*, em 1996. Segundo Razky e Lima (2011, p. 350), o desenvolvimento dos estudos lexicais no Pará pode ser dividido em três fases. A primeira fase, o Projeto ALIPA, que vai de 1996 até 1999, caracteriza-se pelo estudo do léxico da língua geral, contemplando o estudo do léxico do falar paraense em 50 localidades rurais.

Na segunda fase, que vai de 2000 a 2009, houve a continuação dos estudos da fase anterior e a ampliação dos objetivos com a investigação dos léxicos especializados de atividades socioculturais do estado do Pará através da inclusão da Terminologia e da Socioterminologia.

A terceira fase, desde 2010, é uma nova versão do Projeto ALIPA que integra a área dos estudos lexicais e a área dos aspectos da fonética variacionista. O projeto é intitulado de GeoLinTerm e está distribuído em quatro eixos: o *Atlas Linguístico do Brasil - regional norte* (Alib-norte); o *Atlas Geossociolinguístico do Pará* (ALIPA); os *Atlas Linguísticos Regionais do Norte do Brasil* (ALIN); e a *Terminologia e Socioterminologia no Brasil* (SocioTerm). Especificamente, o quarto eixo de pesquisa tem como objetivo a elaboração de glossários e dicionários da língua especializada de atividades econômicas e socioculturais locais e nacionais.

Observa-se que entre 2000 e 2010 foram concluídas pesquisas de doutorado, mestrado e Trabalho de Conclusão de Curso na área da Socioterminologia, nas quais sistematizaram os termos de alguns campos técnicos de grande relevância sociocultural e socioeconômica no Pará, na região amazônica e no Brasil, a saber: Glossário da Terminologia do Caranguejo: uma perspectiva socioterminológica (VASCONCELOS, 2000); Terminologia da Pesca em Soure-Marajó: uma perspectiva socioterminológica (VELASCO, 2004); Glossário Semi-sistemático da Terminologia do Pescado em Santarém (CARVALHO, 2006); Glossário Socioterminológico do Sairé (SANTOS, 2006); Glossário da Indústria do Alumínio (MARTINS, 2007); Glossário Terminológico da Cultura do Cacau em Medicilância-PA (COSTA, 2009); Glossário Socioterminológico da Cultura da Farinha (RODRIGUES, 2010); e Socioterminologia da Indústria Madeireira (LIMA, 2010).

Já entre 2011 e 2022, têm-se pesquisas na área socioterminológica concluídas e em andamento, a saber: Os Termos da Meliponicultura: uma abordagem socioterminológica (BORGES, 2011); Terminologia da Carpintaria Naval (QUARESMA, 2012); Glossário da Cerâmica Artesanal do Distrito de Icoaraci (COSTA, 2012); Glossário Socioterminológico do Corte Bovino no Pará (OLIVEIRA, 2013); Terminologia da Agroindústria do Dendê (QUARESMA, 2014); Termos da Indústria do Alumínio (MARTINS, 2014); Terminologia da Cultura do Açaí (ASSUNÇÃO, 2014); Glossário Eletrônico da Terminologia da Farinha de Mandioca na Amazônia Paraense (RODRIGUES, 2015); Terminologia da Piscicultura (LISBOA, 2015); Glossário dos Termos da Castanha-do-Pará (FEITEIRO, 2016); Dicionário Socioterminológico Bilingue da Área do Corte Bovino (OLIVEIRA, 2018); Estudo da Fraseologia do Futebol Brasileiro das Séries B, C e D em jornais digitais populares: construção de um dicionário eletrônico (SALVADOR, 2017); Fraseologismos no Discurso Político Brasileiro: uma proposta de glossário (SOUZA, 2018); e Dicionário Terminológico da Piscicultura da Região Amazônica (tese em andamento).

Nota-se, portanto, a diversidade de pesquisas socioterminológicas executadas pelo GeoLinTerm (UFPA) e voltadas à documentação dos aspectos das práticas socioculturais e das atividades produtivas do Norte do País.

3. EMBASAMENTO TEÓRICO: TERMINOLOGIA E SOCIOTERMINOLOGIA

A área que estuda o léxico especializado é denominada de terminologia e a sua face aplicada é a Terminografia. Finatto e Krieger (2004, p. 20) afirmam que a terminologia apresenta dois enfoques distintos: o desenvolvimento teórico e as análises descritivas; e as aplicações terminológicas, que é a produção de glossários, dicionários, bancos de dados e sistemas de reconhecimento automático de terminologias. Esses procedimentos

terminológicos buscam a organização, o armazenamento e a divulgação do conhecimento advindo das atividades técnico-científicas através do compartilhamento dos termos especializados, no âmbito da comunicação humana.

Compreende-se que a terminologia é um campo da linguística e das ciências do léxico, de conhecimentos e práticas, que tem como objeto de estudo os termos técnico-científicos e lida com as relações entre os conceitos e termos de uma área especializada.

O campo terminológico obteve ascensão pelo fato da relevância das línguas de especialidade atreladas à importância econômica, social, científica, tecnológica e cultural, manifestada pelas inúmeras atividades humanas que já existiam e que foram criadas pela dinamicidade da industrialização e da globalização no mundo. Pontes (1997, p. 44) ratifica isso, quando aponta as causas dessa expansão da terminologia, como: a) o avanço das ciências; b) o desenvolvimento da tecnologia; c) o desenvolvimento dos meios de comunicação; d) o desenvolvimento das políticas internacionais; e) o desenvolvimento do comércio internacional; e f) o progresso das multinacionais.

Os termos criados e utilizados nas diversas atividades humanas são marcas de identidade que apresentam relevância de conhecimentos de tudo que circunda naquela área, sendo materializada linguisticamente, tendo um valor significativo real para todos os profissionais da área. Assim, apresentam as funções de representação e a de transmissão do conhecimento especializado.

As diversas áreas técnico-científicas apresentam um léxico de especialidade que reflete interesses, tendências, fenômenos, desenvolvimentos, experiências, progressos, pesquisas, a heterogeneidade de manejo, cultivo, técnicas, instrumentos de trabalho, e comercialização, tanto das atividades quanto dos profissionais da área.

Esse fato insere o termo no universo referencial, termo é constituído de denominação mais conceito, como expressa Biderman (2001, p. 19), ou seja, a terminologia tem como procedimento metodológico estabelecer uma relação entre a estrutura conceptual (dimensão cognitiva) e a estrutura léxica (dimensão linguística) da língua de especialidade de qualquer atividade humana técnico-científica. Por isso, a terminologia apresenta uma abordagem onomasiológica, partindo do conceito para a denominação.

Para a constituição e validação dos termos de uma atividade humana técnico-científica, o terminólogo obedece a um procedimento metodológico que expõe o caminho a ser percorrido e a forma que se deve percorrer este caminho de pesquisa.

Rondeau (1984, p. 70 *apud* PONTES, 1997, p. 49) afirma que os passos do fazer terminológico são: a) a escolha do domínio e da língua de trabalho; b) delimitação do subdomínio; c) consulta a especialistas; d) coleta de informações; e) estabelecimento de árvore de domínio; f) expansão da representação do domínio escolhido; g) estabelecimento dos limites da pesquisa terminológica; h) coleta e classificação dos termos; e i) trabalho de apresentação de dados terminológicos.

Todo este processo metodológico, no agir para a publicação de uma obra terminográfica, de apresentação da terminologia de uma dada área especializada, deve proceder em direção ao consulente para que a obra, o dicionário, o glossário impresso ou eletrônico, torne-se um caminho indicativo de conhecimento, de distribuição e uso linguístico e extralinguístico do domínio, da atividade técnico-científica.

A Socioterminologia, como termo, apareceu pela primeira vez no início da década de 80, publicado num trabalho de Jean-Claude Boulanger (GAUDIN, 1993b, p. 67). Internacionalmente, a Socioterminologia foi formalizada por François Gaudin, em 1993, com sua tese de doutorado *Pour une Socioterminologie: des problèmes sémantiques aux pratiques intuitionnelles*.

Segundo Lima (2014, p. 209), na tese, Gaudin estabelece os fundamentos teóricos da Socioterminologia e ratifica: a) um desacordo com o idealismo universalista da terminologia Wusteriana; b) a rejeição ao pensamento averbal, pois a palavra autoriza a autonomia do pensamento; e c) os estudos terminológicos em condições *in vivo*, reais de uso dos termos.

Além disso, ele ressalta as contribuições da sociolinguística para a terminologia e apresenta: a) a abordagem dos domínios e conceitos, características semânticas do termo e a autonomia da terminologia; b) os conceitos e métodos sociolinguísticos utilizáveis em Socioterminologia; c) reflexões sobre as relações

entre semântica e terminologia; d) a importância da inclusão da história nos estudos terminológicos para análise dos vocabulários e metáforas; e e) a circulação social dos termos impõe uma análise sobre vulgarização terminológica (LIMA, 2014, p. 210).

No Brasil, Enilde Faulstich sistematizou uma metodologia para os estudos socioterminológicos estabelecidos por Gaudin e formalizou o constructo da variação terminológica. A Socioterminologia como prática do trabalho terminológico fundamenta-se em: a) variação linguística dos termos no meio social e perspectiva de mudança; e b) princípios de etnografia na pesquisa socioterminológica, a interação entre os membros de uma atividade que geram conceitos a um termo e termos a um conceito (FAULSTICH, 1995, p. 2). Dessa forma, os pressupostos teóricos da Socioterminologia divergem veementemente com os da Teoria Geral da Terminologia (TGT).

Gaudin (1993a, p. 16) afirma que por meio da prática socioterminológica, a terminologia considera o funcionamento real da linguagem, é voltada à dimensão social das práticas de linguagem nas atividades humanas, ou seja, descreve e analisa os termos de uma língua de especialidade no contexto real de uso. Desse modo, a terminologia passa a ter uma base metodológica, uma visão interdisciplinar e dinâmica. Esse fato conduziu a transposição de uma terminologia prescritiva à Socioterminologia a um estudo terminológico heterogêneo.

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DA PROPOSTA METODOLÓGICA

4.1. Delimitação dos locais da pesquisa de campo

Para a delimitação de alguns locais de pesquisa de grande relevância à piscicultura na Amazônia, foi necessária a assessoria de alguns técnicos, professores e pesquisadores da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA) e da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), que compartilharam conhecimentos sobre a grande área da aquicultura e explicaram sobre a atividade específica da piscicultura e os contatos de piscicultores que fazem o processo de cultivo e comercialização de peixes.

Com isso, num primeiro momento, entendeu-se que há fazendas de pisciculturas, laboratórios, ou ambientes de cultivo de peixes com o objetivo de reprodução, de engorda, para o armazenamento, o beneficiamento e a comercialização, e locais de cultivo com o objetivo de pesquisa e extensão.

A partir daí foi possível delimitar os municípios considerados relevantes, para a pesquisa, na produção e comercialização de peixes, a saber: Peixe-Boi e São Miguel do Guamá, que possuem pisciculturas de engorda e comercialização de Tambaqui; Igarapé-Açu, que possui piscicultura de reprodução induzida e comercialização de alevinos de Tambaqui; Paragominas, que possui piscicultura de engorda e comercialização de Tambatinga, que é um peixe híbrido oriundo de um cruzamento genético do Tambaqui com a Pirapitinga; e Belém, que possui estação de piscicultura para pesquisa, de caráter científico e experimental.

4.2. Constituição de *corpora* e levantamento de dados

A pesquisa socioterminológica da piscicultura da região amazônica é constituída por obras especializadas impressas sobre o cultivo de peixes em viveiros nas fazendas de piscicultura coletadas em bibliotecas, a saber: teses, dissertações, Trabalhos de Conclusão de Curso, artigos científicos, livros, normas técnicas, revistas especializadas sobre aquicultura, revistas de divulgação piscícola, catálogos, relatórios e manuais. Todos esses textos foram publicados entre 1994 e 2022. Além disso, há textos escritos no formato *PDF* disponíveis em *sites* de pesquisa piscícola, que difundem a criação de peixes em cativeiro e, por fim, a coleta de vídeos do YouTube sobre manejo e cultivo de peixes como Tambaqui, Tambatinga e Tilápia que são peixes produzidos nas fazendas de piscicultura nos estados da região amazônica.

O *corpus* de referência da pesquisa socioterminológica da piscicultura é constituído por 95 obras e 55 vídeos, que reúnem, respectivamente, mais de 500 mil palavras e vinte horas de gravação. Todo o material escrito, digitalizado e impresso, e as gravações baixadas do YouTube estão organizados em cinco grupos correspondentes a cinco fases de publicação das obras e postagem dos vídeos na plataforma, a saber:

1. Fase A: corresponde às obras publicadas entre 1990 e 2000;
2. Fase B: corresponde às obras publicadas entre 2001 e 2010;
3. Fase C: corresponde às obras publicadas entre 2011 e 2022;
4. Fase D: corresponde a vídeos postados entre 2000 e 2010;
5. Fase E: corresponde a vídeos postados entre 2011 e 2022.

Além disso, os textos digitalizados e impressos foram divididos em três grupos, de acordo com os níveis de especialização, a saber:

1. Textos altamente especializados:
 - a) Livros técnicos: *Piscicultura: fundamentos e técnicas de manejo*;
 - b) Artigos científicos publicados em revistas especializadas: *Revista Brasileira de Zootecnia*;
 - c) Censos: Censo Aquícola Nacional;
 - d) Cartilhas: *Cartilha de genética na piscicultura: importância da variabilidade genética, marcação e coleta para análise de DNA*.
2. Textos especializados:
 - a) Artigos publicados em revistas de divulgação: *Revista Brasileira de Engenharia da Pesca*;
 - b) Boletins: *Boletim Estatístico da Pesca e Aquicultura*.
3. Textos menos especializados:
 - a) Artigo de revista: *Revista Globo Rural*.

Em relação à plataforma do YouTube, os vídeos baixados foram divididos em dois grupos, de acordo com os níveis de especialização, a saber:

1. Vídeos altamente especializados:
 - a) Cursos: *CPT: curso de Piscicultura*;
 - b) Aulas: aulas ministradas pelos pesquisadores da Embrapa Amazônia Ocidental.
2. Vídeos especializados:
 - a) Reportagens: vídeos do *Globo Rural*.

Foram organizados *corpora* de arquivos impressos, digitalizados e vídeos sobre a atividade piscícola, cujo objetivo foi conhecer, aprofundar, apreender, entender, organizar e delimitar a área da piscicultura e construir questionários para as entrevistas.

Para as primeiras entrevistas na estação de piscicultura da Embrapa em Belém, na fazenda de engorda em Peixe-Boi e em São Miguel do Guamá e na fazenda de reprodução induzida em Igarapé-Açu, foram estruturados questionários para guiar as entrevistas. O primeiro questionário, baseado nas leituras particulares, apresentava 43 perguntas, distribuídas pelos seguintes campos semânticos: equipamento/instrumento; reprodução; engorda; biometria e estrutura do viveiro. Por exemplo, havia no questionário a seguinte pergunta, inserida no campo semântico de reprodução: “Como é denominado o peixe após o estado de larva que apresenta na sua morfologia todas as características de um peixe adulto?”, tendo como resposta técnica esperada o termo “alevino”.

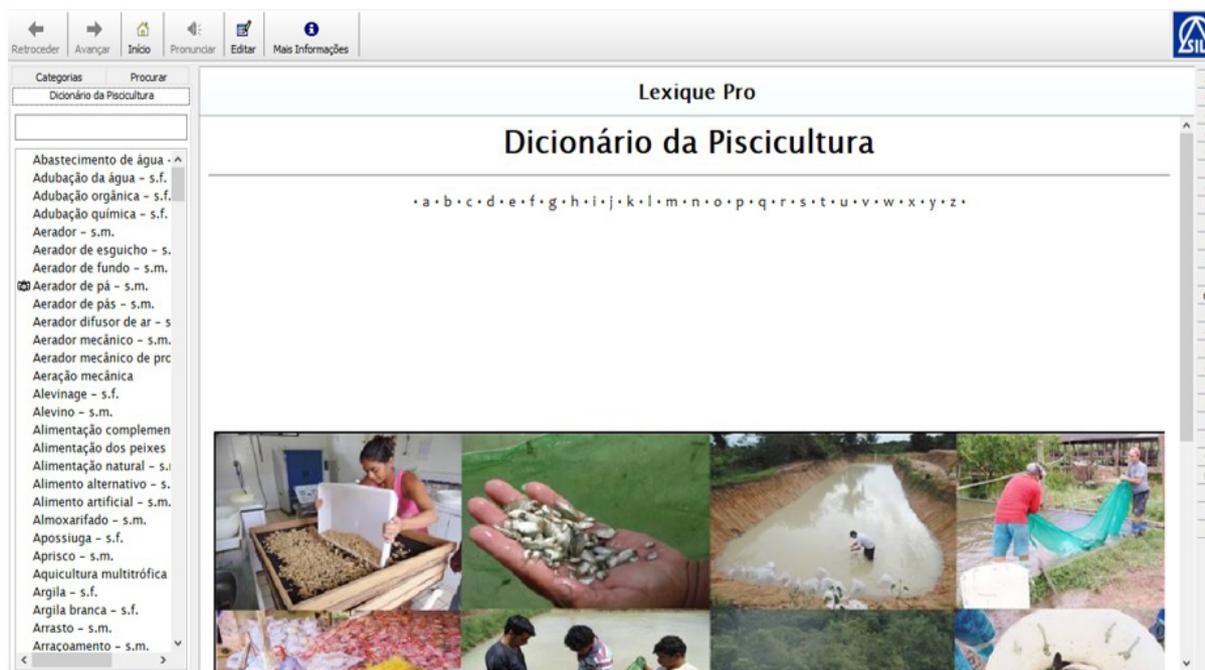
Além disso, o *corpus* de referência da pesquisa socioterminológica da piscicultura é constituído por obras especializadas, impressas e digitalizadas sobre a produção em cativeiro de peixes, entre teses, dissertações, Trabalhos de Conclusão de Curso, livros, artigos científicos, catálogos, manuais, leis, revistas nacionais e internacionais, e fotos.

Houve também um levantamento de vídeos de piscicultura disponíveis no YouTube que foram visualizados e baixados sobre qualidade de água, alevinos, recria, manejo, engorda, ração e alimentação.

4.3. Tratamento dos dados

Utilizaram-se, nesta pesquisa, os programas computacionais WordSmith Tools, versão 4.0 e o Lexique Pro, versão 3.3.1. (2004-2010). O WordSmith Tools, versão 4.0, elaborado por Mike Scott e publicado pela Oxford University, é um programa que faz a descrição de um *corpus* linguístico, colocando à disposição recursos para análise de vários aspectos da linguagem, como a organização de listas de palavras, a seleção de itens de uma lista de palavras, ou mais, através da comparação de suas frequências com uma lista de referências e a produção de listas de ocorrências de um item específico no texto. Esses aspectos são delimitados pelas seguintes ferramentas denominadas, no programa, respectivamente, de WordList, KeyWords e Concord (SARDINHA, 2004, p. 86).

Imagem 1 - Apresentação do dicionário da piscicultura no Lexique Pro.



Fonte: Produzida pelos autores.

Foi extremamente eficaz o auxílio de programas computacionais para a manipulação, edição, organização e processamento do banco de dados da terminologia da piscicultura disponível após a minuciosa etapa de transcrição das entrevistas.

Sardinha (2004) enfatiza a assessoria da linguística de *corpus* para coletar, organizar e analisar dados através do aproveitamento de recursos computacionais disponibilizados com a renovação tecnológica da informática.

4.4. Organização terminográfica dos verbetes

Como foi dito, o dicionário socioterminológico da piscicultura foi organizado na plataforma Lexique Pro. Observa-se a microestrutura e a macroestrutura do glossário impresso e virtual.

Para a complementação da informação estruturada, explica-se detalhadamente cada um dos campos que compõe o verbete, microestrutura, e a composição do conjunto dos verbetes estruturados verticalmente, a macroestrutura.

Quanto à macroestrutura, o dicionário apresenta a terminologia da piscicultura disposta em ordem alfabética, compõe o conjunto dos verbetes estruturados verticalmente.

Em relação à microestrutura, os campos informativos que compõem o verbete foram estruturados segundo a metodologia estabelecida por Faulstich (2010, p. 180-181):

Esquema 1 - Organização da microestrutura que compõe o verbete.

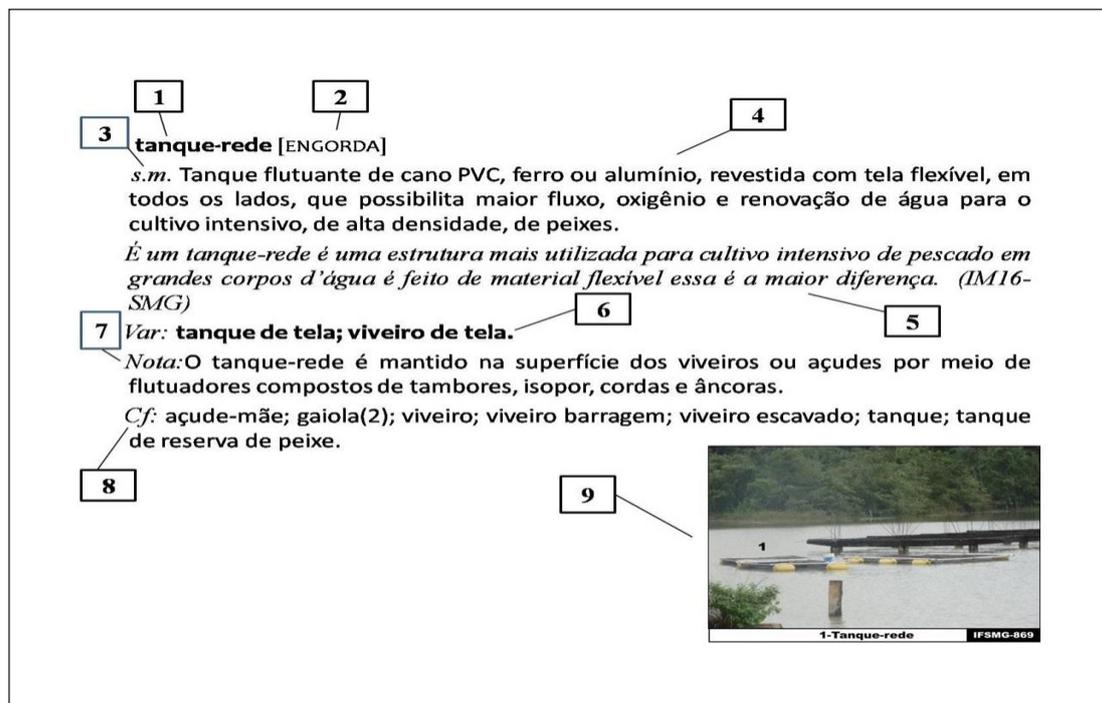
VERBETE = Entrada + Campo semântico + Categoria gramatical + Definição + Contexto (referência) ± Variante ± Nota ± Remissivas ± Imagem.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Para que haja uma total interação entre a obra terminográfica e o público-alvo, torna-se imprescindível haver uma descrição minuciosa dos componentes microestruturais dos verbetes documentados. A organização e a coerência possibilitam, na disposição das abreviações, definições, observações, ilustrações, vídeos, áudio etc., o sucesso do principal objetivo que é informar, transmitir conhecimentos da terminologia de uma dada área especializada das atividades humanas.

Os componentes do verbete são o termo-entrada, o campo semântico, a categoria gramatical, a definição, o contexto, a variante, a nota e a remissiva. Podemos ver esses componentes linguísticos bem estruturados na figura abaixo, após o programa Lexique Pro exportar o glossário de sua plataforma para o formato do programa Word.

Imagem 2 - Redação do verbete.



Fonte: Elaborada pelos autores.

Na entrada (1) está o termo principal, a unidade linguística que possui o conteúdo semântico da expressão terminológica da linguagem de especialidade. Por exemplo, “tanque-rede”. Esse termo-entrada possui o conteúdo semântico que expressa uma ação, um tipo de relação, uma manifestação concretizada na atividade de criação de peixes.

O campo semântico (2) “engorda” indica a área, ou etapa, ou fase, da atividade de especialidade, em que o termo é usado, campo onde circulam inúmeros termos relacionados uns com os outros pela teia semântica. No dicionário, os campos semânticos ficam em destaque, ao lado do termo-entrada, entre colchetes.

A categoria gramatical (3) indica a classe gramatical e o gênero do termo. No dicionário, o termo “tanque-rede” é um substantivo masculino (*s.m.*).

A definição (4) é um sistema de distinções recíprocas que servem para descrever conceitos pertinentes aos termos. Por exemplo, o termo “tanque-rede” tem uma definição, produzida a partir das explicações coletadas nos gêneros escritos e orais. A definição diferencia o termo “tanque-rede” de qualquer outro termo de mesmo campo semântico ou de outros campos do domínio.

O contexto (5) é um excerto que representa a atuação do termo referido no contexto de uso da atividade. Ele é extraído de livros, artigos, manuais escritos, de vídeos baixados do YouTube e da fala dos profissionais. No contexto, o termo-entrada é registrado de um excerto do discurso, como se pode ver no contexto do termo “tanque-rede”.

A variante (6) apresenta as formas concorrentes com o termo-entrada. São as alternativas de denominação para um mesmo referente, conceito. As variantes terminológicas concorrentes podem ser linguísticas e de registro. Por exemplo, o termo “tanque-rede” apresenta duas variantes: “tanque de tela” e “viveiro de tela”.

A nota (7) serve para complementar as informações da definição. Por exemplo, o termo “tanque-rede” tem uma nota de complementação de sua definição.

As remissivas (8) são um sistema de relação de complementaridade entre termos. Podem ser termos hiperônimos, hipônimos e conexos. No glossário, as remissivas são indicadas através da abreviatura “*Cf.*” que significa (conferir, confronte).

A imagem (9), por fim, representa o objeto que o termo remete. Nesta ilustração, o consulente tem uma ideia do que seja um “tanque-rede”. Além disso, percebe-se a codificação da ilustração e a legenda que deixa claro qual o objeto que se quer destacar, por exemplo, dentre todos os objetos presentes na ilustração, o objeto principal referente ao termo é o instrumento de cultivo “tanque-rede”.

Sendo assim, com a caracterização das unidades que compõem a estrutura do dicionário, o consulente pode visualizar, ler e compreender as informações terminológicas da língua de especialidade da atividade piscícola na região amazônica.

5. ESBOÇO DE ALGUNS VERBETES: CAMPO SEMÂNTICO DA *ENGORDA*

A engorda é a fase piscícola que tem o objetivo de estabelecer o desenvolvimento em tamanho, peso e qualidade da carne, para a comercialização do pescado. Assim, nessa fase imprescindível para o desenvolvimento do peixe, consideraram-se inseridos os seguintes processos: a) equipamentos de cultivo e manejo: aparelhos de análise dos parâmetros químico-físicos da água; b) estrutura do viveiro: as unidades que compõem o viveiro; c) nutrição dos peixes: compostos nutricionais naturais ou artificiais; d) biometria: processos de análise de crescimento do peixe e procedimentos de manejo; e) espécies de peixe: peixes inseridos no cultivo em cativeiro; e f) recria: a produção de juvenis e os seus procedimentos que também são de engorda.

A amostra selecionada é constituída por 18 termos. Todos pertencem à classe gramatical dos substantivos. Há 12 substantivos do gênero masculino e 6 substantivos do gênero feminino. Percebe-se que 12 termos são Unidades Terminológicas Simples (UTS), nos quais 10 termos são classificados como substantivos simples, por exemplo, “arraçoamento”, “*chip*”, “consórcio”, “excremento”, “fertilização”, “gaiola”, “oxímetro”, “peixamento”, “Tambaquí” e “trapicho”; e 2 termos são classificados como substantivos compostos, por exemplo, “biomassa” e “biometria”.

Há também 6 Unidades Terminológicas Compostas (UTC), por exemplo, “aerador de pá”, “despesca de transferência”, “disco de Secchi”, “filtro mecânico”, “galpão de armazenamento de ração” e “ração balanceada” constituídas de um sintagma nominal estruturado por um núcleo, o substantivo, “aerador”, “despesca”, “disco”, “filtro”, “galpão” e “ração” mais um sintagma preposicional constituído por uma preposição “de” e um sintagma nominal, cujo núcleo é um substantivo comum ou próprio, por exemplo, “pá”, “transferência”, “Secchi” e “mecânico”. Observa-se que esses nomes têm uma função de especificador, caracterizador, qualificador do núcleo, fazendo um papel morfológico de locução adjetiva e sintático de adjunto adnominal. Percebe-se que “balanceada” está fazendo o papel morfológico de adjetivo, especificando o balanceamento da ração. O mesmo fato acontece em “galpão de armazenamento de ração”, constituído morfológicamente por

substantivo, preposição, substantivo, preposição e substantivo, nos quais os substantivos “armazenamento” e “ração” especificam que não é qualquer “galpão”.

Observa-se o uso de empréstimo linguístico no discurso dos profissionais da piscicultura como, por exemplo, o termo estrangeiro advindo da língua inglesa “chip”, classificado morfológicamente como substantivo masculino.

Vejam os 18 verbetes, em ordem alfabética, inseridos no campo semântico engorda:

A

aerador de pá [ENGORDA]

s.m. Aerador com pás perfuradas que giram para aumentar o nível de oxigênio dissolvido na água do viveiro. Isso é um outro tipo de aerador é um <aerador de pá>, ele tem várias pás perfuradas na ponta e essas pás giram com o funcionamento do motor e promovem também a oxigenação mecânica mas através das pás. (IM12-BL).

Var: aerador mecânico; aerador de pás; pá mecânica.

Cf: aerador; aerador difusor de ar; roda d'água.

arraçoamento [ENGORDA]

s.m. Ação diária de fornecimento de ração balanceada e alimento complementar aos peixes nos viveiros e tanques.

A gente faz o <arraçoamento> todo o dia pro desenvolvimento do peixe, a gente joga a ração no açude e alimenta os peixes. (IF1-PB).

Var: alimentação dos peixes; distribuição de ração; processo de alimentação; raçoamento.

Nota: A ação de arrazoar, com rações balanceadas e complementares, é fundamental para o cultivo de qualquer espécie de peixe, pois melhora a qualidade e o sabor e garante uma maior produtividade.

Cf: ração balanceada; ração complementar; ração extrusada; ração granulada; ração pra alevino; ração peletizada.

B

biomassa [ENGORDA]

s.f. Concentração de massa das espécies de peixe no ambiente aquático, representada pelo peso seco ou fresco por área ou volume.

Vou fazer um cálculo estimado da <biomassa> pra poder calcular quanto de ração vou jogar. (IM12-BL).

Cf: balança de campo; biometria; despesa.

biometria [ENGORDA]

s.f. Processo de mensuração dos peixes cultivados nos tanques e nos viveiros.

É que seja realizado a <biometria> onde eu vou fazer um cálculo estimado da biomassa que eu tenho no meu viveiro, tirando peixes, medindo e pesando. (IM6-BL).

Var: biometria dos peixes.

Nota: O peixe é pesado e medido para fazer a comparação com a última biometria. É feito o cálculo para saber qual foi a produtividade dele no tanque como indivíduo.

Cf: arrasto; balança; balança digital; balança de campo; despesa; engorda; recria (1); recria (2).

C

chip [ENGORDA]

s.m. Dispositivo eletrônico de marcação individual de peixes que tem a função de identificar peso, tamanho, idade, comportamento, época de reprodução, identificação sexual e monitoramento genético.

É um chip um marcador de peixe é um <chip> que ele coloca no peixe aí ele vai vendo se esse peixe tá crescendo é um chipizinho já existe há muito tempo só que no Pará tá chegando agora utilizada em pesquisa pois sai muito caro é muito oneroso pro produtor. (IM13-BL).

Nota: O chip é inserido por intermédio de uma seringa no músculo ou cavidade visceral do peixe. Apresenta um código numérico único, que permite ser identificado por um aparelho leitor.

Cf: injetor de chip.

consórcio [ENGORDA]

s.m. Atividade praticada na piscicultura que admite a criação de seres do ecossistema aquático e seres do ecossistema terrestre com o objetivo de aproveitar racionalmente a área e aumentar a rentabilidade da produção. *A gente chama de <consórcio> que seria um uma cultura do ecossistema terrestre e outra do ecossistema aquático. (IM9-BL).*

Var: **sistema de consórcio; sistema consorciado.**

Nota: Na piscicultura, há a possibilidade de haver o consórcio de peixe com arroz, atividade denominada de rizipiscicultura, além do consórcio de peixe com gado, peixe com cavalo, peixe com galinha, peixe com pato, peixe com porco e peixe com cabra.

Cf: adubação da água; apossuiga; aprisco; casa; excremento; gaiola (1); produtividade primária; produtividade secundária.

D

despesca de transferência [ENGORDA]

s.f. Despesca das espécies de peixe do ambiente de cultivo, objetivando transferir larvas e alevinos dos berçários aos viveiros para engorda e comercialização.

E a <despesca de transferência> é quando eu vou tirar animais menores e colocar em outros locais de cultivo. (IM12-BL).

Var: **passar a tela.**

Nota: Na despesca de transferência, há também o objetivo da biometria, para se obter a noção de peso e tamanho dos peixes que estão sendo cultivados na etapa de engorda.

Cf: *arrasto;* biometria; despesca; despesca final; puçá; rede de malha grossa.

disco de Secchi [ENGORDA]

s.m. Aparelho em formato circular com coloração branca e preta, com peso, sustentado por um cordel graduado, que serve para análise da transparência da água do ambiente de cultivo das espécies de peixe.

Análise a transparência com esse aparelho é o <disco de Secchi> normalmente o limite que a gente usa no disco de Secchi é de trinta a cinquenta centímetro então se der dez centímetros quer dizer que tá muito escura e tem que fazer algum procedimento se der cem tá muito clara tem que fazer algum procedimento. (IF7-BL).

Cf: qualidade da água; *kit;* oxímetro; turbidez.

E

excremento [ENGORDA]

s.m. Adubo natural que advém da criação consorciada. É rico em nutrientes como nitrogênio, cálcio e fósforo, e quando é dissolvido na água favorece a proliferação dos fitoplânctons e dos zooplânctons, aumentando a produtividade do meio.

Ocorre a criação de frango o objetivo é o <excremento> dos frangos, que vai entrar em contato com a água é muito rico em nitrogênio, fósforo e cálcio e esses nutrientes não se dissolver na água e conseqüentemente tornar o ambiente mais rico em microorganismo. (IM9-BL).

Var: **esterco; fezes.**

Nota: Os excrementos de pato, galinha poedeira, porco, cabra, gado, cavalo são fertilizantes naturais que ao entrar em contato com a água do viveiro aumenta a produtividade de nutrientes importantes para os peixes.

Cf: adubação da água; alimentação natural; consórcio; matéria orgânica.

F

fertilização [ENGORDA]

s.f. Aplicação de fertilizantes e nutrientes na água dos viveiros e tanques. Essa fertilização pode ser feita com componentes orgânicos, como esterco e grama, e pode ser feita com componentes inorgânicos ou químicos, como ureia e amônia.

É você colocar determinados produtos dentro da água que vai propiciar a reprodução de algas isso é <fertilização> e essa reprodução de algas ela faz juntamente com a fotossíntese ela vai produzir tanto oxigênio quanto o plâncton que vai ser necessário pro peixe se alimentar. (IM6-BL).

Cf: adubação da água; adubação química; excremento.

filtro mecânico [ENGORDA]

s.m. Filtro constituído de elementos naturais, como areia e pedras, para a depuração da água antes de chegar aos tanques e viveiros.

Aí é um <filtro mecânico> que você coloca então areia grossa lá embaixo areia fina e vem pedregulhos em diversas dimensões pra filtrar essa água aí. (IM13-BL).

Cf: abastecimento de água; qualidade da água.

G

gaiola [ENGORDA]

s.f. Edificação construída sobre o viveiro para criação de frangos. É uma atividade consorciada de peixe e frango cujo objetivo é a adubação da água do viveiro através das fezes dos frangos.

É uma espécie de uma <gaiola> ocorre a criação de frango. (IM9-BL).

Var: aviário; viveiro de patos.

Cf: apossuiga; aprisco; casa; consórcio; fertilização.

galpão de armazenamento de ração [ENGORDA]

s.m. Galpão com ventilação estruturado com estrados de madeira, frigorífico, para que a ração seja armazenada.

Você deveria ter um <galpão de armazenamento de ração> esse alimento alternativo está armazenado completamente errado ele tá diretamente ao solo suscetível à ação de roedores à ação de contaminação de ambiente que vai contribuir pra que esse alimento apodreça. (IM12-BL).

Var: casa pra depósito.

O

oxímetro [ENGORDA]

s.m. Instrumento digital avaliador da quantidade de oxigênio dissolvido na água do açude, do berçário, do tanque e do viveiro.

É <oxímetro> não a gente aqui denomina classifica conforme a necessidade do peixe tem peixe que precisa de muita oxigenação e tem peixe que precisa de pouca então quando tem pouca oxigenação oxigênio dissolvido na água e o peixe exige muito a gente diz que tá baixo quando tem. Tá normal a gente diz que tá normal que tá suficiente. (IF8-BL).

Var: oxigenômetro.

Cf: aerador; oxigenar a água; oxigênio; qualidade.

P

peixamento [ENGORDA]

s.m. Inserção de pós-larvas, alevinos, juvenis e peixes adultos em açudes, em berçários, em tanques e em viveiros para a engorda e comercialização.

Ali onde a gente soltou é o berçário ali só é pro peixe ficar ali até o torno de cem gramas pra fazer o <peixamento> nas outros represas. (IM16-SMG).

Var: povoamento.

Nota: O piscicultor faz o peixamento do viveiro na engorda objetivando a comercialização.

Cf: engorda; recria (1); recria (2).

R

ração balanceada [ENGORDA]

s.f. Ração que possui elementos nutricionais, como proteínas, aminoácidos e lipídios, em quantidades adequadas para o crescimento em cativeiro de uma determinada espécie de peixe.

Então por exemplo uma <ração balanceada> pra peixe carnívoro tem mais proteína do que uma ração balanceada pra peixe onívoro porque o carnívoro precisa de mais proteína assim como outras espécies elas precisam uma quantidade maior de aminoácidos ou então uma quantidade maior de premix vitamínico que tem vários tipos de vitaminas, então se refere a isso a quantidade correta dos diferentes nutrientes... diferentes componentes da ração. (IF11-BL).

Var: alimentação artificial; ração comercial; ração controle; ração industrial; ração original.

Nota: A ração balanceada apresenta as seguintes formas: pasta, farinha, peletizada ou extrusada. Ela possui uma composição proporcional de nutrientes fundamentais para o desenvolvimento dos peixes, como a proteína, o lipídio, as vitaminas e os sais minerais, ou seja, esses elementos são imprescindíveis para cobrir as necessidades energéticas, substituir partes desgastadas, renovar estruturas esqueléticas e musculares, e para reprodução do peixe.

Cf: arraçamento; *pellet*; ração; ração complementar; ração extrusada; ração granulada; ração peletizada; ração pra alevino.

T

tambaqui [ENGORDA]

s.m. Peixe redondo de água doce, onívoro, com escamas, coloração preta e amarelada, nadadeira adiposa, opérculo alongado, reproduzido e cultivado em estações, fazendas e laboratórios de piscicultura.

O <tambaqui> ele tem a escama mais escamada aquela escama bem mesmo que tu vê a escama amarela porque é amarelo tem a escama bem amarela. (IM2-PB).

Nota: O tambaqui, *Colossoma macropomum*, é um dos peixes mais cultivados e comercializados no Pará e no Brasil. É uma espécie de tecnologia dominada. Pode atingir o comprimento de até 1 metro e pesar até 30 kg. Em cativeiro, a reprodução se dá por indução hormonal.

Cf: pacu; pirarucu; tambacu; tambatinga.

trapicho [ENGORDA]

s.m. Estrutura de madeira localizada em algum ponto do viveiro, açude, para facilitar o arraçamento dos peixes.

Nós demos o nome dum <trapicho> serve pra gente botar aqui a ração, como eu tava fazendo aqui ir lá na ponta e jogar a ração pro peixe porque na verdade se a gente fosse jogar daqui ia ficar bem mais difícil. (IM2-PB).

Var: **palafita; pontezinha; rampa; rampa de madeira; rampazinha.**

Nota: Essa estrutura é construída em viveiros de grandes dimensões para facilitar o ato de alimentar os peixes, dando acesso a uma determinada área para que o alimento seja melhor distribuído e é utilizada para pescarias do tipo pesque e pague.

Cf: açude; arraçamento; viveiro.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo apresenta uma proposta de construção do dicionário terminológico da piscicultura na região amazônica. A elaboração do dicionário dos termos pertencentes à produção piscícola se concretiza por intermédio de textos escritos impressos e digitalizados disponíveis, respectivamente, em bibliotecas e na internet; há também a coleta de termos especializados disponibilizados em vídeos na plataforma YouTube; além disso, há a documentação de termos por meio de visitas ao ambiente de trabalho, laboratório de reprodução e fazendas de engorda e comercialização, por intermédio de entrevistas com os profissionais da área.

O objetivo é a descrição e o registro terminográfico, num dicionário da linguagem especializada da piscicultura, com a finalidade de difundir as relações entre os conceitos e os termos usados, na modalidade escrita e oral, por essa área de especialidade, na região amazônica.

A piscicultura está em plena ascensão. A tendência é que a piscicultura e a aquicultura superem a pesca extrativa, pelo fato de serem atividades lucrativas, alvo de pesquisas científicas, de novas tecnologias, e de crescentes investimentos, tanto privados quanto públicos. A piscicultura nesse sentido tem especial importância, por produzir alimentos de alto teor nutritivo que, naturalmente nas fontes hídricas, já não são mais encontrados com facilidade, sobretudo quando se trata de algumas espécies, como o pirarucu e o tambaqui. Por causa dessa importância (econômica, nutricional, ambiental, política e social), a piscicultura desperta muito interesse de várias áreas da pesquisa científica, desde a biologia que estuda ecossistemas aquáticos, passando pela economia e a ecologia até a terminologia. Neste último caso, porque essa atividade exige cada vez mais, em âmbito local e nacional, a normatização, a regulamentação e a padronização de todas as etapas da produção, e isso não

se consegue sem o rigor de uma linguagem técnica bem estabelecida. A presente pesquisa, portanto, tem o interesse acadêmico de contribuir para a sistematização dos termos técnicos do domínio da piscicultura (tanto os que circulam na linguagem escrita quanto na falada), criando subsídios para especialização e padronização dessa atividade na região amazônica.

REFERÊNCIAS

- ASSUNÇÃO, Elizete. *Terminologia da cultura do açaí*. 2014. 175 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Introdução: as ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001. v. 1, p. 13-22.
- BORGES, Luciane Chedid Melo. *Os termos da meliponicultura: uma abordagem socioterminológica*. 2011. 196 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.
- BOULANGER, Jean-Claude. Alguns componentes linguísticos no ensino da terminologia. *Ciência da informação*, Brasília, DF, v. 24, n. 3, 1995. DOI: <https://doi.org/10.18225/ci.inf.v24i3.570>
- CARVALHO, Lucivânia Pereira de. *Glossário semi-sistemático da terminologia do pescado em Santarém*. 2006. 180 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.
- COSTA, Celiane Souza. *Glossário terminológico da cultura do cacau em Medicilândia-PA*. 2009. 162 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.
- COSTA, Eliane Oliveira da. *Glossário da cerâmica artesanal do Distrito de Icoaraci*. 2012. 152 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.
- FAULSTICH, Enilde. Aspectos de terminologia geral e terminologia variacionista. *Tradterm*, São Paulo, SP, v. 7, p. 11-40, 2001.
- FAULSTICH, Enilde. Para gostar de ler um dicionário. In: RAMOS, Conceição de Maria de Araujo (org). *Pelos caminhos da dialetologia e da sociolinguística: entrelaçando caminhos e vidas-homenagem a Socorro Aragão*. São Luís: EDUFMA, 2010. p. 166-185.
- FAULSTICH, Enilde. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. *Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 24, n. 3, 1995. DOI: <https://doi.org/10.18225/ci.inf.v24i3.566>
- FEITEIRO, Sandra Regina. *Glossário dos termos da castanha-do-pará*. 2016. 189 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.
- GAUDIN, François. *Pour une Socioterminologie: des problemes semantiques aux pratiques institutionnelles*. Rouen: Publications de l'Université de Rouen, 1993a.
- GAUDIN, François. *Socioterminologie: une approche sociolinguistique de la terminologie*. Bruxelas: Duculot, 1993b.
- KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.
- LIMA, Alcides Fernandes de. *Socioterminologia da indústria madeireira*. 2010. 389 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

- LIMA, Alcides Fernandes de. Variação terminológica: proposta teórica para a descrição tipológica de variantes. In: RAZKY, Abdelhak; LIMA, Alcides Fernandes de; OLIVEIRA, Marilucia Barros de (org). *Estudos II: geossociolinguística no estado do Pará*. Belém: EDUFMA, 2014. p. 205-227.
- LISBOA, Josué Leonardo Santos de Souza. *Terminologia da Piscicultura*. 2015. 173 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.
- MARTINS, Arlon Francisco Carvalho. *Terminologia da indústria do alumínio*. 2007. 228 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.
- MARTINS, Arlon Francisco Carvalho. *Terminologia do ciclo de produção do alumínio: bauxita, alumina e alumínio*. 2014. 388 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.
- OLIVEIRA, Rejane Umbelina Garcez Santos de. *Dicionário socioterminológico bilingue da área do corte bovino*. 2018. 320 f. Tese (Doutorado em Letras: Linguística) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.
- OLIVEIRA, Rejane Umbelina Garcez Santos de. *Glossário socioterminológico do corte bovino no Pará*. 2013. 190 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.
- PARÁ. Secretaria de Estado de Meio Ambiente. *Coletânea de legislação estadual de pesca e fauna silvestre*. Belém: Secretaria de Estado e Meio Ambiente, 2008.
- PONTES, Antônio Luciano. Terminologia científica: o que é e como se faz. *Revista de Letras*, Fortaleza, v. 19, n. 1/2, p. 44-51, jan./dez. 1997. Disponível em: <http://www.revistadeletras.ufc.br/rl19art05.pdf>. Acesso em: 10 out. 2021.
- QUARESMA, Flancivaldo Mata. *Terminologia da agroindústria do dendê*. 2014. 175 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.
- QUARESMA, Maria de Jesus Nascimento. *Terminologia da carpintaria naval*. 2012. 190 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.
- RAZKY, Abdelhak; LIMA, Alcides Fernandes de. Estudos lexicais e socioterminológicos no Estado do Pará. In: CARDOSO, Suzana Alice; MEJRI, Salah; MOTA, Jacyra (org). *Os dicionários: fontes, métodos e novas tecnologias*. Salvador: Vento Leste, 2011. p. 349-370.
- RODRIGUES, Elias Maurício da Silva. *Glossário eletrônico da terminologia da farinha de mandioca na Amazônia paraense*. 2015. 307 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.
- RODRIGUES, Elias Maurício da Silva. *Glossário socioterminológico da cultura da farinha*. 2010. 185 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.
- SALVADOR, Carlene Ferreira Nunes. *Estudo da fraseologia do futebol brasileiro das séries B, C e D em jornais digitais populares: construção de um dicionário eletrônico*. 2017. 505 f. Tese (Doutorado em Letras: Linguística) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2017. v. 2.
- SANTOS, Pauliane Marques de. *Glossário socioterminológico do Sairé*. 2006. 142 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.
- SARDINHA, Tony Berber. *Linguística de corpus*. Barueri, SP: Manole, 2004.
- SOUZA, Davi Pereira de. *Fraseologismos no discurso político brasileiro: uma proposta de glossário*. 2018. 167 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2018. 2 v.

VASCONCELOS, Alessandra. *Glossário da terminologia do caranguejo: uma perspectiva socioterminológica*. 2000. 167 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2000.

VELASCO, Ideval da Silva. *Terminologia da pesca em Soure-Marajó: uma perspectiva socioterminológica*. 2004. 101 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2004.